

**PROBLEMAS DA COMPREENSÃO INTERCULTURAL: SOBRE A  
DIVERSIDADE DO DEBATE A RESPEITO DA TUBERCULOSE**  
*PROBLEMS OF INTERCULTURAL UNDERSTANDING: ON THE DIVERSITY  
OF THE DEBATE ABOUT TUBERCULOSIS*

*Mahito Fukuda<sup>1</sup>*

**Tradução:** *Ernesto Atsushi Sambuichi*

**RESUMO:** O presente artigo foi apresentado no Simpósio Internacional “Ibunkatoshite no Nihon” (Japan Seen as from Different Cultural Perspectives) nos dias 1 e 2 de Novembro de 2008, sob o título “Edo no Haibyô, Meiji no Kekkaku” (“A Tísica Pulmonar de Edo, a Tuberculose de Meiji”). Trata-se da primeira tradução autorizada para o português deste artigo.

**Palavras-chave:** Compreensão Intercultural; diversidade; tuberculose; perspectivas culturais

**ABSTRACT:** This paper was presented at the International Symposium "Bunka toshite no Nihon" (Japan Seen as from Different Cultural Perspectives) on the 1st and 2<sup>nd</sup> of November, 2008, under the title "Edo no Haibyô, Meiji no Kekkaku" ("Edo's Pulmonary Consumption, Meiji's Tuberculosis "). This is the first authorized translation into Portuguese of this work.

**Keywords:** Intercultural Understanding; Diversity; Tuberculosis; Cultural Perspectives

## **1. O que é Compreensão Intercultural**

### **1.1. Premissa**

O que viria a ser Compreensão Intercultural? Primeiramente, temos a nossa própria cultura, a cultura do próprio país. Ou, por assim dizer, uma cultura. Em contrapartida, temos as culturas concernentes a raças, etnias, nações. Seria isto uma espécie de Intercultura. Quando temos pelo menos duas culturas distintas ou divergentes entre si, podemos pela primeira vez chamar de Intercultural. E quando há a necessidade de compreensão recíproca, a expressão Compreensão Intercultural é utilizada.

Não obstante, a premissa básica é a compreensão da própria cultura (de seu país). E após a observação da cultura de terceiros (de outro país), uma espécie de comparação se realiza.

Desde o princípio de sua História, o Japão recebeu influências culturais estrangeiras por diversas vezes e, digerindo-as, atingiu a forma atual. E principalmente dos seus países

---

<sup>1</sup> Professor Dr. do Departamento de Pós-Graduação em Estudos Internacionais de Língua e Cultura de Nagoya University – Japão.

vizinhos, como a China e a Coréia, o nível de influências culturais recebidas é incalculável. Os benefícios foram realmente imensos a contar religião, ciências e artes. A escrita, nem é necessário citar.

Porém, apesar da transculturação da escrita chinesa (de ideogramas e silábrios fonéticos), a influência gramatical foi praticamente nula. A casca foi tomada emprestada, mas o cerne e as raízes permaneceram. E mesmo em outros fenômenos, deve-se tomar uma especial atenção quando for avaliá-los.

Pouco depois, o Japão se viu envolvido com outros países. Trata-se do advento da cultura européia com as armas de fogo e o Cristianismo, e a assimilação da cultura e de elementos culturais a partir do comércio com os portugueses e holandeses.

E como é de conhecimento geral, houve contatos com vários países em meados do fim último xogunato ao período Meiji, que trouxeram para o Japão um volume colossal de conhecimentos e de ideologias. Com o processo de abertura do país, o espírito japonês aliado ao conhecimento ocidental foi professado, e o Japão empenhou-se na política de fortalecimento econômico e militar e no desenvolvimento industrial. E o último “navio negro”<sup>2</sup>, com a derrota do Japão na Segunda Grande Guerra Mundial (na Guerra do Pacífico), foi efetivamente a ocupação das forças ocidentais que trouxe a incontestável ocidentalização da cultura e do modo de vida. Há quem inclua a americanização neste processo. Mesmo assim, é preciso que se comprove se a base da cultura japonesa oscilou ou não com isso. A partir desta ótica, podemos saber, pela primeira vez, se uma determinada cultura está respirando ou não dentro de uma cultura distinta (intercultural).

## 1.2. Confiabilidade das Informações

Com tais mudanças históricas e do ambiente cultural, o que exatamente foi trazido ao Japão? Deixando-se um pouco de lado esta avaliação, enquanto apresentamos os casos daquilo que aqui é chamado de “Intercultural”, e se estes podem ser chamados diretamente de Interculturais (pois por vezes tais coisas já estão compreendidas como integrantes da cultura nacional), gostaríamos de indicar os problemas da comunicação e da Compreensão Intercultural.

Em nossas escolas, aprendemos que Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716) apresentou o método de cálculo infinitesimal (diferencial e integral) em 1684, e que Isaac Newton (1642-1727) teve a idéia em 1666 e a apresentou em “Principia”, em 1687.

---

<sup>2</sup> N.T.: refere-se à embarcação norte-americana que, em sua primeira vez no arquipélago japonês em meados do fim do último xogunato, ficou conhecido como “navio negro” devido a sua cor.

Mas relembremos quem foi o renomado matemático japonês de Edo, Takakazu Seki (1642-1708).

Takakazu Seki<sup>3</sup>, como fundador da Escola Seki, foi venerado como o Santo da Aritmética. Do período Meiji em diante, mesmo após a substituição do *wasan* (matemática tradicional japonesa) pela matemática ocidental, foi considerado uma figura heróica dentro da história da matemática japonesa. Ele é valorizado mundialmente também por ter conseguido chegar “um passo à frente” ao cálculo infinitesimal, um pouco antes de Newton e Leibniz.

Ele reformulou consideravelmente a Álgebra de até então baseada nos *sangi* (numeração com varetas), e criou um método original de cálculo escrito que utiliza símbolos. Este método funciona igualmente a Álgebra contemporânea que se utiliza de equações com variáveis, e com isso houve um grande salto no desenvolvimento do *wasan*.

Primeiramente, ele criou uma fórmula que busca uma solução de uma equação de primeiro grau com duas variáveis e, a partir desta, no processo de extensão do número de variáveis, chegou ao pensamento do que hoje conhecemos como Determinante. Este fato ocorreu 200 anos antes da Europa. Além disso, propôs um método que busca a solução aproximada de equações de grau  $n$ , mas é basicamente o mesmo método que o inglês William George Horner publicou em 1819, cerca de 100 anos depois de Seki. Ademais, obtendo-se a fórmula que busca a medida dos lados de um polígono regular circunscrito, o cálculo do coeficiente de circunferência pode ser obtido corretamente em até 11 casas com o método de Horner.

É de se surpreender que mesmo no Japão já houvesse, na época de Newton, o estabelecimento de uma matemática avançada como a que vimos, mas podemos inferir que esta decaiu devido à teimosia pragmática. O objetivo do *wasan* restringiu às necessidades práticas imediatas e à técnica de cálculo. E até por isso não buscou a evolução aritmética e geométrica, e tampouco buscou a essência do movimento e das leis como Newton. E como resultado disso, há o pesar de não ter se tornado a base das Ciências Naturais.

Ou tal qual este fenômeno, seria possível que tais ocorrências possam ter surgido em outros fenômenos culturais? Dito de outro modo, um fenômeno, que acredita-se que tenha sido trazido de um lugar distante, pode ser que tenha origem também em um lugar mais próximo do que se imaginava e que já o envolvia. Assim como na peça infantil “O Pássaro Azul” (L’Oiseau Bleu, 1908) de Maurice Maeterlinck (1862-1949).

---

<sup>3</sup> N.T.: fora do Japão é mais conhecido como Kôwa Seki.

O exemplo mais notável disto pode ser encontrado em lugares inesperados. A questão da imagem acerca da tuberculose seria um destes exemplos. Pode ser que soe estranho, mas pensava-se que esta imagem fora importada de outro país ao Japão do período Meiji. Todavia, a verdade é que esta imagem já existia no Japão, e foi a partir desta perspectiva inesperada que a cultura enraizou-se profundamente e exerceu seu poder de influência.

Abaixo, discorrerei sobre a propagação e a profundidade de influência, e a respeito do entendimento correto da cultura deste país e das dificuldades de compreensão.

## 2. Verificação da Romantização da Tuberculose

### 2.1. Localização do Problema

Por muito tempo, no Japão, a tuberculose (*kekaku, rôgai, haibyô, haikan, denshibyô*)<sup>4</sup> foi vista como uma doença das belas e dos gênios.

Não se sabe quando, onde e quem começou a dizer tais coisas, mas expressões como “bela de vida curta” e “gênio tuberculoso”<sup>5</sup> começaram a constar no linguajar de inúmeras pessoas.

Não obstante, estas proposições podem, de fato, ser consideradas corretas? É bem verdade que escritores e poetas como Ichiyô Higuchi, Takuboku Ishikawa, Shiki Masaoka, Tatsuo Hori, Takehiko Fukunaga, pintores como Shigeru Aoki e Yûzô Saeki, e músicos como Rentarô Taki foram vitimados pela tuberculose e mesmo assim dedicaram-se às suas belíssimas produções. A considerar Ôgai Mori, Sôseki Natsume e os incontáveis tuberculosos ao redor, não é exagero dizer que o Japão do período Meiji estava repleto de gênios tuberculosos. Pelo ponto de vista da guerra e das soluções políticas, tivemos os tratados de Paz de Shimonoseki e o de Portsmouth, das guerras Sino-Japonesa (1894-95) e Russo-Japonesa (1904-05) respectivamente, e tiveram como representantes do lado japonês nestas conferências de paz Munemitsu Mutsu e Jutarô Komura, ambos agonizando com a tuberculose.

Dentro deste panorama, há hipóteses de que as imagens dabelaou do gênio tuberculosos foram construídas após a Reforma Meiji com a entrada e a consequente influência da cultura ocidental, em especial pela “A Dama das Camélias” de Alexandre

---

<sup>4</sup> Vide nota 1) do autor no final.

<sup>5</sup> N.T.: No original, o autor utiliza os termos “kajin-hakumei” e “haibyô-tensai”.

Dumas Filho, a partir da qual se imaginou que se formaram tais estereótipos, mas a verdade é que uma imagem “afetada” própria a respeito preexistia já no período Edo.

A imagem que se tinha dos pacientes de tísica pulmonar no período Edo, de modo geral, era vista como de “nobres” ou de “ricos” e como doenças das filhas destes, e que era comum principalmente entre os jovens.

Este tipo de imagem se assemelha muito a romantização da tuberculose no Ocidente, e tais imagens que podem ser vistas também na China, Coréia e Índia são fenômenos que ultrapassam a fronteira de uma só espécie de cultura. Além disso, mesmo voltando-se 2500 anos atrás ao período de Hipócrates, ou ao século VIII da Dinastia Tang, tais imagens também podem ser vistas, e é preciso que voltemos os olhos às descrições das narrativas que tratam como peculiaridade do paciente tuberculoso aquele que “dentro de um grande olho repousa luz”.

No período Meiji, imagens como “filha de classe abastada” e “doençado estudioso brilhante” foram alteradas para “bela de vida curta” e “gênio tísico”. A imagem da pessoa bela foi acrescentada à da doença chamada tuberculose.

Ao se falar de pessoa bela, lembramos rapidamente das chinesas Yang Guifei e Xi Shi, e da japonesa Ono-no Komachi, mas nenhuma delas morreu de tuberculose. A imagem da delicadeza, do pescoço longo, dos olhos grandes, da face rósea, das tosses e do lenço respingado de sangue fresco da bela com tuberculose foram outorgadas à imagem da beleza.

A “bela saudável” que exaltamos nos dias atuais foi construída a partir do oposto da imagem de beleza.

## **2.2 Romantização da consumpção(*haibyô*) do período Meiji**

Por muito tempo, pensou-se que a imagem da tuberculose no Japão fora tingida pela peculiar imagem de beleza açucarada, influenciada pelo interesse literário importado pelo Ocidente durante o intervalo entre os períodos do final do último Xogunato ao da Reforma Meiji.

O prelúdio disto foi a adaptação/tradução de “A Dama das Camélias” (*La Dame aux Camélias*, 1848), de Alexandre Dumas Filho (1824-95).

Este romance, desde o princípio, foi uma obra que se baseou na relação de Dumas Filho com sua amante, a atriz Marie Duplessis (Alphonsine Plessis, 1824-1847), que em meio a sua maior popularidade, morreu de tuberculose. Com a tristeza de sua perda, Dumas Filho escreveu uma obra que espremeu lágrimas de sangue da sociedade. Além de alcançar sucesso de crítica na França, a obra fora dramatizada, e com a ópera “La Traviata” (1853), do italiano

Giuseppe Fortunino Francesco Verdi (1813-1901), tornou-se assunto da época e conhecido por todos.

O Japão do período Meiji, ocupado em assimilar a civilização ocidental, de todos os modos importou a cultura européia e a traduziu. E “A Dama das Camélias” não foi exceção. Primeiro, sob a forma de trechos adaptados em jornais e revistas, depois em partes traduzidas, para depois chegar a tradução completa da obra. De forma simplificada, o processo de apresentação da obra ao Japão pode ser vista a partir dos registros abaixo:

*“Pari jôwa: tsubaki no omokage”, tradução de Shujin Kusanoto, Kan’yu-nippô, ano 17 de Meiji (1884).*

*“Tsubaki no hanataba”, tradução de Shihô Katô, Shun’yôdô, ano 22 de Meiji (1889).*

*“Tsubaki-fujin”, tradução de Roan Uchida, Sekai no Nihon, ano 29 de Meiji (1896).*

*“Tsubaki-hime”, tradução de Shûtô Osada, Waseda daigaku shuppanbu, ano 35 de Meiji (1902).*

*“Kyakuhon:Tsubaki-hime”, tradução de Kikutei Taguchi, Bungei kurabu, ano 44 de Meiji (1911).*

*“Tsubaki Onmae”, tradução de Sanjirô Ôta, Shun’yôdô, ano 3 de Taishô (1914).<sup>6</sup>*

A respeito das dramatizações, Shôh Matsui adaptou a obra para o teatro em 1911 (ano 44 de Meiji) sob o título “Tsubaki-hime”, e a apresentou no teatro imperial, recebendo boa aceitação. Em 1918 (ano 7 de Taishô) a ópera “La Traviata” chegou ao Japão, mas como a peça “Tsubaki-hime” já estava na boca de todos, a apresentação seguiu com o título conhecido. Esta apresentação ocorreu no pavilhão *AkasakaRoyal*, e foi adaptada para a língua japonesa por Gyokugan Komatsu, de modo que a performance com o original em italiano fora apresentada no ano seguinte, em 1919 (ano 8 de Taishô), encenada pela primeira vez pelo grupo teatral da Rússia, sendo este o marco inicial.

Esta série de imagens de “Tsubaki-hime”, ou seja, o fato de uma mulher jovem e bela, que recebia elogios de todos, e que por conta da consumpção (tuberculose) teve uma morte prematura, fixou uma impressão no imaginário japonês a respeito do destino dos pacientes de consumpção, o que fez com que uma forte crença de que esta fora uma imagem importada do Ocidente.

---

<sup>6</sup> N.T.: Os títulos foram apenas romanizados para preservar o vocabulário utilizado por cada tradutor.

Cabe acrescentar o fato de o diário da pintora Maria Bashkirtseff (1858-84), que morreu prematuramente de consumpção, fora lido por um número expressivo de pessoas no Japão, assim como Ôgai e Ichiyô Higuchi (1872-96), ambos ilustres por suas obras e por terem morrido de doença pulmonar.

Mas na realidade, antes do período Meiji, quando o Japão ainda não havia recebido qualquer referência imagética peculiar a respeito da tuberculose, seria possível que uma imagem com amplitude bem maior tivesse sido difundida na sociedade, e que esta estivesse já constituída entre os populares?

A próxima seção se disporá a analisar e considerar as imagens do *rôgai* (tísica e tosse) /*haibyô* (consumpção/tísica pulmonar) /*kekaku* (tuberculose) dentro do período Edo.

Naturalmente, o primeiro a levantar a questão da consumpção/tuberculose no Japão no período Meiji foi o romance “Zangiku” (ano 22 de Meiji, 1889) de Ryûrô Hirotsu, e depois foi o romance de folhetim “Hototogisu” (ano 31 de Meiji, 1898), de Roka Tokutomi, que se destacou como o “romance da tuberculose”.

### 2.3. Romantização da tísica (*rôgai*) do período Edo

Como não há documentos estatísticos precisos que comprovem o quanto a tísica (consumpção/ tuberculose) se propagou durante o período Edo, não há como dizer nada em definitivo. Por exemplo, há um registro (SUDA, Keizô. “Hida 0-jiin Kakochô no Kenkyû”) de um templo budista da região de Hida, e nele há descrições a respeito da tísica das quais não se sabe até que ponto elas podem estar corretas. Há como distinguir as enfermidades do sistema respiratório, mas não é possível de mensuração para ter valor estatístico.

Já no documento “Onna Chôhoki” (ano 5 de Genroku, 1692), além de especificar que se trata de uma doença que afeta os jovens, é minucioso quanto aos sintomas.

*“A maioria padece de tísica quando atinge a idade de 16 ou 17 anos. Quanto aos sintomas da tísica, (os pacientes) não reconhecem a si mesmos, não percebem mesmo estando próximo, e passam a ter uma feição debilitada e melancólica com o passar do tempo. No início, vão da febre ao frio seco, a menstruação não vem, suam durante o sono, começam a tossir com esputação e tem inapetência.”*

Porém, no “Grande Incêndio de Meireki” (ano 3 de Meireki, 1657)<sup>7</sup>, também conhecido como *Furisode-kaji* (O Incêndio do quimono de mangas longas), uma jovem que trabalhava em um grande estabelecimento encontrou-se casualmente, durante uma peregrinação a um santuário, com um jovem bonzopor quem se apaixonou perdidamente e, ao morrer de tísica, teve o seu quimono de mangas longas vendido a uma loja de roupas usadas. Este quimono fora vendido a uma outra jovem de um grande estabelecimento que também morreu e, após a terceira morte, resolveram incinerar a vestimenta no templo *Hongô-honmyô* de Edo para celebrar o descanso da alma. Mas durante a cerimônia, a peça tornou-se chamas sopradas ao vento e incendiou Edo, e de fato mais de cem mil pessoas foram vitimadas.

E em um outro documento médico, que escreve que a tísica foi transmitida através da caixa de remédios de um médico particular, há a possibilidade de ter havido segundas intenções na transmissão da tísica, assim como no caso do *Furisode-kaji*. E assim como no Ocidente, a transmissão e a hereditariedade da tísica foi por muito tempo alvo de discussões entre os médicos no Japão, e talvez por isso tais histórias um pouco moralizantes tenham influenciado as hipóteses acerca da transmissão.

Acrescentando-se a estas histórias que correram de boca em boca, há os poemas curtos *senryû* que revelam os sentimentos da população da época factualmente. O *senryû* é um poema originariamente de estilo coloquial, sem a formalidade do uso de palavras retóricas ou de indicação da estação, com rupturas formais como a sobra de sílabas e o *enjambement*, além de fugir da regra também quanto ao número total de moras da poesia japonesa<sup>8</sup>. Tendo como fontes o *haiku* e o *renga*, os versos finais *tsukeku* (de 7-7 moras), produzidos de antemão, são omitidos restando-se assim apenas os versos em 5-7-5 moras. No período Edo, o poeta Senryû Karai (1718-1790) reuniu inúmeros versos em 5-7-5, e Goryôken'arubeshi (-1788), por sua vez, selecionou versos da coletânea de Karai e publicou a coletânea “Haifû Yanagidaru”. Com a popularização desta coletânea, este tipo de poesia passou a ser chamada de *senryû* desde então.

### 3. A figura da tísica revelada pelas poesias *senryû*

---

<sup>7</sup>Vide nota 2) do autor no final.

<sup>8</sup> N.T.: *jiyû-ritsu*. Este tipo de poesia refere-se essencialmente à quebra da metrificação tradicional do *tanka* (poesia curta de 31 moras) ou do *haiku* (poesia curta de 17 moras). No caso em questão é a quebra da métrica do *haiku*, podendo possuir mais de 17 moras ou menos.

### 3.1. A jovem do grande estabelecimento

O que chama mais a atenção nas poesias *senryû* é a garota ser de família rica, sugerindoem quase todos os casos ser filha de uma próspera família de comerciantes, o que se pode verificar já na tradição oral do *furisode-kaji*.

O *furisode* é um quimono que as mulheres vestem antes de contrair matrimônio, e suas mangas são longas. Porém, por se tratar de um artigo muito caro, não é um produto que o público em geral pudesse obter tão facilmente. Pode-se inferir que a mulher que se vestia com tal quimono de cores vivas era invejada, e a peculiar psicologia retorcida frente às enfermidades dos abastados pode ser observada.

Como enfermidade das donzelas educadas distantes das impurezas do mundo exterior, os populares perceberam a tísica como a doença da paixão, impressões tais que tornam os *senryû* mais interessantes.

*“Rôgai wa shinobi-gaeshi no uchi de yami” (A tísica enferma o lado de lá da proteção dos muros)*

*“Rôgai wa ô-furisode no yamahi nari” (A tísica é a doença do furisode)*

*“Koi-yami wa kanemochi no ko no yamahi nari” (O mal do amor é enfermidade das filhas abastadas)*

*“Furisode wo kiakite shika no sata to nari” (Cansada de vestir o furisode, tornou-se caso de cauterização)<sup>9</sup>*

O termo “shinobi-gaeshi” refere-se à proteção que fica em cima das cercas/muros das grandes residências. Para que pessoas de fora não consigam invadir com tanta facilidade, itens de segurança pontiagudos de bambu, madeira ou de metal eram instalados em cima dos muros e portões. Todavia, quedar-se de paixão era algo que poderia acontecer com qualquer pessoa, e chegar ao óbito por causa de amor decerto não seria privilégio só dos endinheirados. Requer-se atenção aqui, pois apesar de o trecho escrever a respeito das abastadas, em lugar algum escreve-se a respeito das belas. Aí repousaria a disparidade de significados que divide a época com o período Meiji.

A expressão “cansada de vestir o *furiso de*” significa que o período de solteira é longo e que não tem conseguido se casar, ou seja, podemos inclusive supor que a mulher é feia. Refletindo o período em que como tratamento só havia o método de respiração zen e a

---

<sup>9</sup> N.T.: A tradução dos *senryû* foi realizada, porém mantendo o original em japonês romanizados devido à explicação subsequente dos jogos de palavras com as homônimas.

cauterização com a moxa, ela acabou procurando tratamento por meio de cauterização nas costas<sup>10</sup>.

*“Muko no toriyô ga osoi to meii ihi” (Demora-se muito em conseguir um noivo, disse o médico ilustre)*

*“Furisode wo nugasete suheru mugoi koto” (Despir-sedo furisode e deixar azedar é cruel)*

*“Hakoiri wo jû-kyû de oke ni irekaeru” [Troca-se a caixa (proteção excessiva) por uma urna (caixão) aos dezenove]<sup>11</sup>*

Com a demora em se conseguir um noivo, a donzela pode sofrer de tísica com a frustração, mas a graça está no fato de o médico dizer apenas sobre a demora (em se casar) em seu diagnóstico. “Despir-sedo *furisode* e deixar azedar” refere-se à cauterização, que com o calor das moxas se esvaindo, relata a provável agressão ao olfato com o cheiro nauseabundo da fumaça que sobe.

Quanto a dizer que a filha superprotegida será colocada em uma urna funerária aos dezenove anos de idade é pelo fato de, antigamente, ter-se estabelecido o dezenove como o ano climatérico da mulher.

*“O-rôgai ka to tengai hoshi wo sashi” (Ao ouvir que era tísica, adivinhou o dossel)*

*“Teishu ga atte no rôgai saji wo nage” (Mesmo tendo marido contraiu tísica, e o médico desistiu)*

Neste episódio, temos uma situação interessante, pois se pensava na época que a causa (da tísica) era a frustração sexual, mas a mulher contrai tísica mesmo conseguindo um marido, provocando o lamento de não se poder fazer mais nada.

Desta forma, resolvem sepultar no templo o corpo da mulher que havia morrido precocemente aos 19 anos. Antes disso, obviamente, ocorre o funeral. Na cerimônia, o *tengai* (dossel) é armado, ou seja, montam uma espécie de tenda. E no dossel, no momento em que despiam o corpo da jovem de seu *furisode*, o fogo atinge o local acidentalmente, e com a rápida propagação das chamas, isto veio a se tornar no incêndio que envolveu a cidade de Edo

<sup>10</sup> N.T.: a cauterização que o autor se refere é a moxibustão, na qual quatro moxas são aplicadas nas costas, o que é citado pelo *senryû* somente como “shika” (abreviação de “shika no kyû”). Acreditava-se que a moxibustão fosse eficaz contra diversas enfermidades, tanto físicas como também espirituais, dentre elas a tísica e o mau agouro. A palavra “shika” é formada por dois ideogramas, sendo o primeiro o de “quatro”, e o segundo com as variantes “fogo” e “flor”, citadas textualmente pelo autor em seu original.

<sup>11</sup> N.T.: Há um jogo de palavras na qual se associa recipientes (*hako*=caixa, *oke*=balde, urna) com demais conotações. “Hakoiri” é abreviação de “hakoiri-musume” (filha superprotegida) e “oke” seria a abreviação de “kan’oke” (urna funerária). Com isso, o autor do *senryû* em questão assinala a troca dos recipientes para provocar o humor negro.

e que ficou conhecido como *Furisode-kaji*. Os preparativos para o funeral estavam em ordem, mas ao entrar na noite, a base do dossel pode ter sido afetada pelo vento que não deixou de cessar.

Não obstante, a tísica não era uma enfermidade que afetava só as jovens mulheres. Essencialmente, por se tratar de uma doença contagiosa, pode ser transmitida a qualquer pessoa. Uma senhora também, enfim, contraiu a doença. Embora se presuma que não deva haver frustração sexual por haver marido, o médico questionou-se, com suspeitas, de como ela contraiu a doença.

### 3.2. A situação do estudioso brilhante

Pois então, se disser que a tísica é uma doença que ataca somente as mulheres, isto não será verdade. Prossigamos com a figura de homens que contraíram tísica nos *senryû* a seguir. O olhar com o qual os pacientes de tísica são vistos nos *senryû* não suavizam em momento algum.

*“Ko no iwaku to itte wa gai wo seki” (Ao dizer ko no iwaku, só tosses de tísica)<sup>12</sup>*

*“Rôgai no haha wa kinjo no dora wo home” (A mãe com tísica elogiou o moleque ovelha-negra da vizinhança)*

O Período Edo era ainda uma época de estudos chineses. A essência destes estudos estava no *sodoku* (leitura em chinês sem se preocupar com o significado), *kundoku* (leitura das escrituras em japonês) e no *kunko* (interpretação) de escrituras chinesas como o “Môji” (Mêncio), “Kôshi” (Confúcio), “Rongo” (Analectos de Confúcio) e “Daigaku” (Grande Saber) entre outros dos “Quatro Livros e Cinco Clássicos”.

Obviamente, os jovens estudiosos entravam como discípulos dos eruditos em estudos chineses, e aplicavam-se no *sodoku* de textos em chinês. E a expressão “Ko iwaku”, que aparece com frequência nos livros “Môji” e “Kôshi”, faz com que pensemos imediatamente nas crianças e jovens que se dedicam aos estudos.

---

<sup>12</sup> N.T.: “ko no iwaku” é uma expressão que se baseia em “koiwaku”, que significa “assim como diz Confúcio”. A diversão reside na homonímia entre “ko” de Confúcio e “ko” de criança” que são também homógrafos.

Porém, nos casos em que tais esforços traziam o fracasso por conta da doença chamada tísica, é extremamente inquietante como os médicos da época faziam o tratamento.

*“Otoko no rôgai gochô de nahosu nari” (Cura-se a tísica dos homens em Gochô)*

*“Musuko no rôgai wa shiroi neko ga yoshi” (Para a tísica do filho é bom um gato branco)*

*“Kuroneko to koban musuko nagameteru” (O filho observa o gato preto e o koban)<sup>13</sup>*

O diagnóstico do médico, assim como na tísica das mulheres, é a frustração sexual. E para anular a frustração sexual, torna-se visível a receita médica que se limita a fazer com que procure uma mulher o mais rápido possível.

Isto porque “Gochô” refere-se ao bairro de prostituição de Yoshiwara, e “shiroi neko” (gato branco) pode ser lido desta forma: [shironeko = shirabyôshi = yûjo]<sup>14</sup>. Ou seja, podemos inferir que as pessoas dessa época julgavam que a eliminação da frustração sexual era precisamente o cerne de todo o tratamento.

Os pacientes de tísica/consumpção tinham a crença de que recuperariam completamente a saúde se criassem um gato preto por perto. Há um *senryû* que diz “ponham perto da filha pálida um gato preto”, e também “se o gato criado for preto, não faltará sorte à filha para conseguir um bom matrimônio”. Além disso, o pensamento de que o gato preto é bom para quem tem tísica parece ser o mesmo que diz, desde os tempos mais remotos, que o vermelho é bom para quem tem varíola. E não se trata apenas de chiste, pois com isso prepararam roupas, cobertores, mosquiteiros, *juban*<sup>15</sup>, e até mesmo arroz vermelhos.

*“Keisei shi go fuku de musuko kaiki suru” (Com belas quatro a cinco vezes, o filho convalesceu)*

*“Seijin to musuko konogoro nakatagai” (Ultimamente o santo e o filho temse desentendido)*

---

<sup>13</sup> N.T.: “koban” refere-se a uma moeda japonesa antiga, de forma ovalada, geralmente de ouro ou banhada a ouro. Devido ao seu grande valor, criou-se o dito popular “Neko ni koban”, que corresponde aproximadamente ao nosso “dar pérolas aos porcos”. O *senryû* em questão aproveita-se do ditado claramente, parodiando-o e criando uma outra perspectiva.

<sup>14</sup> N.T.: “Shirabyôshi” refere-se às dançarinas que desenvolviam danças tradicionais com indumentárias masculinas. A partir desta leitura, temos a associação com as dançarinas cortesãs “yûjo”, que eram prostitutas de luxo de Yoshiwara.

<sup>15</sup> N.T.: *Juban*: vestimenta japonesa tradicional que se veste por debaixo do quimono. A origem do termo vem do empréstimo português “gibão”, que por sua vez veio do árabe “jubbah”.

“*Shisho wo harai yoshiwara taizen wo kahi*” (*Vendeu os Quatro Livros e comprou a coleção completa de Yoshiwara*)<sup>16</sup>

Por fim, a situação evoluiu, e o estudioso brilhante que também sofria de tísica teve a companhia de quatro a cinco belas (“*keisei*” = pessoa bela) e recobrou a saúde. Mesmo o acadêmico já acostumado com os estudos desde outrora, indispôs-se com os santos como Mêncio e Confúcio, e desfazendo-se dos “Quatro Livros e Cinco Clássicos”, terminou pondo as mãos no livro-guia de Yoshiwara.

Ademais, no livro de *haikai* do período Edo “*Haikai-Mutamagawa*”, existe um verso que revela que a tísica era uma doença marcante do período Edo. “*Tonikaku iro no waruhi sôryô*” indica que por tenderem a proteger além da conta o *sôryô* (= primogênito), o filho tem um corpo frágil e propenso a contrair doenças. Já o verso “*Fushoku no kyûji tobiishi wo yuku*” diz que é como se levasse a refeição, pulando-se de pedra a pedra<sup>17</sup>, ao paciente que, por estar em um aposento isolado, está deitado doente e não se alimenta.

“*Yami-agari utsukushi ayamate usorashiki*”<sup>18</sup> vem a significar que há como a doença fazer com que a pessoa possa ser vista pelo menos mais bela. Há o verso de Ryûnosuke Akutagawa que diz “*Rôgai no hoo utsukushi ya fuyu-bôshi*”<sup>19</sup> (ano 2 de Shôwa – 1927-28). No Ocidente, a tez pálida (azulada) e aliada a uma face ruborizada devido à febre, veiculada como “esperança de morte” (*spes moribunnda*), pode ter chamado muito a atenção das pessoas. Mas por outro lado, como se pode ler em “*sekai wo kura he ireru rôgai*”<sup>20</sup>, há a consciência, com efeito, de que a tísica se tratava de uma doença mortal que reprime todas as alegrias e tristezas do mundo. No verso “*seki wo shitemo hitori*”<sup>21</sup> (ano 14 de Taishô – 1926), do poeta Hôsai Ozaki, podemos dizer que este reflete tal solidão com clareza.

### 3.3. Resumo acerca da tísica do período Edo

Vejam aqui, mais uma vez, o que os *senryû* falam de modo geral a respeito da tísica do período Edo.

<sup>16</sup> N.T.: O autor do *senryû* aproveita-se do termo “*Taizen*”, que refere-se normalmente aos “Quatro Livros e Cinco Clássicos”, e o utiliza para Yoshiwara, dando a entender que se trata dos volumes de guias de diversão no bairro, alterando com comicidade a filosofia do estudioso.

<sup>17</sup> N.T.: “*tobiishi-zutai*”. Refere-se à travessia de lagos artificiais dos jardins tradicionais por meio de saltos sobre as pedras salientes e separadas entre si que ficam no percurso.

<sup>18</sup> N.T.: “parece mentira, equívoco, que ela fique bela após a convalescência”.

<sup>19</sup> N.T.: “A face do tísico é bela, chapéu de inverno”.

<sup>20</sup> N.T.: “a tísica coloca o mundo dentro de um depósito”. Este verso, da coletânea “*Haikai-mutamagawa*”, refere-se ao paciente de tísica que, por não poder fazer o que bem entende devido à doença, acaba por viver acamado e trancafiado em seu próprio mundo.

<sup>21</sup> N.T.: “sozinho, mesmo tossindo”.

(1) A mulher é uma filha rica superprotegida, mas padece de tísica por frustração sexual. Não há, porém, referência de que as jovens que vestem o *furisode* são belas.

(2) Quanto aos homens, transmite-se a idéia de que os estudiosos e brilhantes sofrerão de tísica.

(3) Como a eliminação da frustração sexual é considerada o melhor tratamento, há a permissão das relações amorosas, sendo que para as filhas sugerem a procura de um noivo, e para os filhos recomendam as mulheres de Yoshiwara.

(4) Às mulheres, amor e casamento; aos homens, Yoshiwara: Ou seja, no caso da tísica, as pessoas portam uma consciência de que é um problema que se enreda sempre em algum lugar com o amor, e referem-se aos endinheirados com ironias e alusões maliciosas. (Hipótese de uma espécie de preconceito às avessas. O escritor Kenji Miyazawa também foi discriminado por ser um paciente de consumpção de uma família de agricultores abastados.)

#### **4. Resumo: Preceitos para a Compreensão Intercultural**

A tísica no período Edo foi uma enfermidade que se destacou mesmo na vida cotidiana dos populares. Palidez, emagrecimento, esputação de sangue, e morriam. Não obstante, é verdade também que esta doença, ao mesmo tempo, foi adquirindo significados peculiares. Dito como doença dos abastados ou como enfermidade dos estudiosos brilhantes, ou seja, não se tratava somente de algo que se destacava no meio da população: havia a consciência de que se tratava também de uma doença bem mais especial.

A ela associam-se pessoas com dinheiro ou talento, e a possibilidade é alta disto envolver inveja e os impronunciáveis sentimentos de adoração e ciúmes.

No entanto, após a reforma em meados do fim do xogunato e com a entrada do período Meiji, houve uma entrada rápida da cultura e civilização estrangeira, que ofereceu novos significados aos gostos e preferências do homem nipônico. Como um exemplo disto, temos os significados particulares acerca do paciente de consumpção representado na obra “Tsubaki-hime” (*La Dame aux Camelias*).

De todos os modos, torna-se necessário verificar novamente aquilo que em princípio parece ser um perfume ocidental exalado dentro da cultura japonesa. Assim como já relatado a respeito do cálculo diferencial e integral da Matemática, foram averiguadas que, apesar de estar em um lugar completamente distinto, grande parte das idéias do mestre em *wasan* do período Edo, Takakazu Seki, eram congruentes, e que isto caminhava-se à comprovação.

E há a possibilidade de o mesmo ter acontecido, como um fenômeno cultural bem maior, a respeito da propagação da tuberculose e de imagens conjecturadas como “bela de vida curta” e “gênio tuberculoso”. E quanto à imagem “afetada” que se tinha dos pacientes de tuberculose, da qual pensava-se que fora uma influência da literatura ocidental pós Reforma Meiji, pode-se comprovar que houve na verdade, bem antes no período Edo, a imagem de uma doença de ricos e talentosos. Ocorria já a formação de significados peculiares.

Não obstante, certamente há um número incalculável de fenômenos culturais como este.

À primeira vista, a cultura flui de um ponto mais alto a outro mais baixo, e isto pode depender da medida que distancia tais pontos e como isto é narrado. Quando falamos a respeito das técnicas industriais, há o inegável destaque do Ocidente do século XIX em diante. Contudo, quando pensamos sobre as demais áreas, por exemplo pintura, artesanato e obras de arte, surgem outros diferentes critérios de avaliação.

No Japão, após a abertura do país no fim do xogunato e com a reforma Meiji, os japoneses prosternaram-se admirados com a incomparável técnica industrial européia e seus produtos. No entanto, o que para eles eram óbvios como a cerâmica, os tecidos e as xilogravuras ukiyo-e, que eram lixo frente aos admiráveis produtos, os ocidentais, em contrapartida, enxergaram significados totalmente distintos nestes. Houve espanto e admiração com a distância/diferença das expressões e dos significados do artesanato e das obras de arte. De fato, os ukiyo-e, que não passavam de meros papéis de embalagem das louças, provocaram um impacto incomensurável nos ocidentais ao desembulhar os produtos. A Intercultura (percepção da diferença cultural) inicia-se com o encontro casual, e esta é saboreada a partir da postura em tentar compreender seus significados e valores. Estes valores partem deste início, desenvolvem-se e criam novos significados. E, dentro da nova cultura, tornam-se uma parte um tanto natural desta, e a sua procedência vai se tornando desconhecida. Desta forma, a Intercultura e seu impactante encontro geram uma nova vida dentro da cultura receptora, e ligam-se deste modo às gerações seguintes.

Há, por exemplo, um fenômeno considerado extravagante que será relatado neste final. Trata-se da questão da “rosa”. A rosa, além de símbolo da Grã-Bretanha, é considerada a flor mais adequada para representar as damas nobres da Europa. E em verdade, quando a princesa Diana, da casa Real Inglesa, morreu em um acidente em Paris, em seu funeral apelidaram-na de “Rosa da Inglaterra”. E isto porque os ingleses acreditavam firmemente que a rosa era uma flor de origem inglesa.

A rosa, realmente, existiu largamente em estado selvagem desde a Europa até a Ásia. E nesse meio existe uma rosa japonesa chamada “hanamasu” (*rosa rugosa*) que foi se perdendo e muitos sequer sabem que esta flor forma uma grande coroa como as de hoje. Igualmente, as laranjas são originárias de regiões ao sul da Ásia, e atravessando a Arábia foram levadas ao Mar Mediterrâneo, onde passaram a ser cultivadas como frutas importantes.

Este tipo de problema evoca prontamente a questão das dificuldades de Compreensão Intercultural. O que é considerado peculiar para um grupo étnico ou nação pode não ser em outras circunstâncias e casos. E a reverificação destes fenômenos culturais nos remete a uma nova exploração territorial da história cultural, além de ao mesmo tempo fazer com que traga, sem dúvida, uma avaliação mais precisa (mas não necessariamente legítima) da cultura do próprio país. E isto, ao mesmo tempo em que são indicadas as dificuldades em se avaliar corretamente a cultura nacional, pode-se indicar as dificuldades em se avaliar e receber corretamente a cultura de outros países .

O significado em se pesquisar a cultura e as culturas diferentes aumentará ainda mais em importância/valor, provavelmente, daqui em diante. E será aí que pela primeira vez um entendimento harmônico se dará, e a Compreensão Intercultural avançará.

#### **Notas do autor:**

1) Tuberculose. Doença infecciosa crônica, é causada pelo bacilo-de-Koch. Estas nomenclaturas sofreram grandes variações de acordo com a época, tal como exemplificado: “rôgai”(tísica e tosse) – “haibyô” (doença pulmonar/consumpção) – “kekaku”(tuberculose). A variação da nomenclatura pode ser observada também no inglês: [phthisis] – [consumption] – [tuberculosis]. A razão de enumerar tais verbetes é a de identificar no texto a época e o verbete correspondente corrente.<sup>22</sup>

2) No intervalo entre 18 a 20 do terceiro mês do ano 3 de Meireki (2~4/03/1667), um grande incêndio chegou a destruir cerca de 1/10 de Edo da época. É chamado de *Furisode-kaji* e/ou *Maruyama-kaji*. *Okiku*, filha do comerciante-proprietário do conceituado estabelecimento *Ômasuya-jûemon*, ficou acamada por adoecer de paixão e, no dia 16 do primeiro mês do ano 4 de Jôh / ano 1 de Meireki (22/2/1655), morreu aos 16 anos. Após os ritos budistas *in*

---

<sup>22</sup>N.T.: Devido à diferença dos termos correntes do Japão com os do Brasil, a tradução tratará os termos a seguir para sugerir os critérios de diferenciação do autor: *rôgai* = tísica; *haibyô* = consumpção/doença pulmonar; *kekaku* = tuberculose. Há ainda os termos “peste cinzenta”, “doença do peito” no português.

*memoriam*, desfizeram-se de seu *furisode* vendendo-o a uma loja de roupas usadas. Este *furisode* chegou às mãos de *Ohana*, filha do dono do estabelecimento *Kikuya-kichibê* localizado em *Hongô-motomachi*, que também morreu no ano seguinte, em 16 do segundo mês do ano 2 de Meireki (11/02/1656). E novamente por intermédio de uma loja de roupas usadas, a vestimenta chegou às mãos de *Otatsu*, filha do dono da casa de penhores *Iseya-gohê* localizada em *Azabu*, que morreu em 16 do primeiro mês do ano 3 de Meireki (28/02/1657). Para celebrar o descanso da alma do *furisode* do destino, no templo *Honmyô*, o bonzo lançou a peça às chamas enquanto recitava sutras, mas nesse momento um forte sopro fez com que o *furisode* em chamas voasse ao sabor do vento e pousasse no recinto principal do templo, e isto fez com que o fogo se estendesse e provocasse um grande incêndio em Edo.

## REFERÊNCIA

SUDA, Keizô. *Hida o-jiin Kakochô no Kenkyû*. Publicação particular de Keizô Suda, 1973.

FUKUDA, Mahito. *Kekkaku to Bunkashi: Kindai Nihon no Yamai no Imêji*. Nagoya Daigaku Shuppashakai, 1995.

\_\_\_\_\_. “Kekkaku to iu Bunka”. *Chûôkôn-shinsha*, 2001.

René Jules Dubos. *The White Plague: Tuberculosis, Man and Society*, Little & Brown Co., 1952.

Mark Harrison. *Disease and the Modern World: 1500 To the Present Day*, Themes in History, Polity Press, 2004.

Henry Sigerist. *Civilization and Disease*, Cornell University Press, 1945.